

Capítulo 1

A NATUREZA DOS ESTADOS INTENCIONAIS

I. INTENCIONALIDADE COMO DIRECCIONALIDADE

Como formulação preliminar, podemos dizer: a Intencionalidade é a propriedade de muitos estados e eventos mentais pela qual eles são dirigidos para ou acerca de objectos e estados de coisas no mundo. Se, por exemplo, tenho uma crença, deve ser uma crença de que tal ou qual coisa é o caso; se tenho um medo, deve ser um medo de algo ou de que algo vá acontecer; se tenho um desejo, deve ser um desejo de fazer algo ou de que algo aconteça ou seja o caso; se tenho uma intenção, deve ser uma intenção de fazer algo. E assim sucessivamente, para um grande número de outros casos. Sigo uma longa tradição filosófica ao chamar «Intencionalidade» a esta característica de direccionalidade [*directedness*] ou ser-acerca-de [*aboutness*], mas, em muitos aspectos, o termo é equívoco e a tradição algo desordenada. Por isso quero já de início clarificar o modo como tenciono usá-lo e, assim fazendo, dissociar-me de certos traços da tradição.

Em primeiro lugar, na minha concepção, só alguns e não todos estados e eventos mentais têm Intencionalidade. Crenças, medos, esperanças e desejos são Intencionais; mas há formas de nervosismo, exaltação e ansiedade não direccionada que não são Intencionais. Uma chave para esta distinção é fornecida pelas restrições que envolvem o relato destes estados. Se eu disser que tenho uma crença ou um desejo, fará sempre sentido perguntar-me «Em que é que acredita exactamente?» ou «O que é que deseja?»; e não me

servirá dizer «Tenho apenas uma crença e um desejo sem acreditar em seja o que for nem desejar seja o que for». As minhas crenças e desejos têm sempre que ser acerca de alguma coisa. Mas o meu nervosismo e ansiedade não dirigida não precisam de ser *acerca* de algo. Tais estados são caracteristicamente acompanhados por crenças e desejos, mas estados não dirigidos não são idênticos a crenças ou desejos. Na minha avaliação, se um estado *E* é Intencional, então tem que haver uma resposta para perguntas como «*E* é acerca de quê?», «Em que consiste *E*?», «O que é um *E* tal que?» Alguns tipos de estados mentais têm instâncias que são intencionais e outras instâncias que o não são. Por exemplo, tal como existem formas de exaltação, depressão e ansiedade em que se está simplesmente exaltado, deprimido ou ansioso, sem se estar exaltado, deprimido ou ansioso a respeito de coisa alguma, também existem formas destes estados em que se está exaltado por isto e aquilo ter ocorrido ou deprimido e ansioso com a antecipação disto ou daquilo. A ansiedade, depressão e exaltação não dirigidas não são Intencionais, enquanto os casos dirigidos são Intencionais.

Em segundo lugar, Intencionalidade não é o mesmo que consciência. Muitos estados conscientes não são Intencionais, como uma sensação súbita de exaltação, e muitos estados Intencionais não são conscientes, como eu ter muitas crenças sobre as quais não estou a pensar no presente e nas quais posso nunca ter pensado. Por exemplo, acredito que o meu avô paterno passou a sua vida inteira na parte continental dos Estados Unidos, mas até este momento, nunca formulei ou considerei conscientemente essa crença. Digasse, a propósito, que tais crenças inconscientes não precisam de ser instâncias de qualquer tipo de repressão, freudiana ou outra; são apenas crenças que se têm e nas quais, normalmente, não se pensa. Em defesa da perspectiva de que existe identidade entre a consciência e a Intencionalidade é dito, por vezes, que toda a consciência é consciência *de*, que sempre que alguém está consciente, existe sempre algo *de* que se está consciente. Mas esta explicação da consciência obscurece uma distinção crucial: quando tenho uma experiência consciente de ansiedade, há de facto algo *de* que a minha experiência é experiência, nomeadamente a ansiedade, mas es-

te sentido do «de» é bastante diferente do «de» da Intencionalidade, o qual ocorre, por exemplo, no enunciado de que tenho um medo consciente de cobras, uma vez que no caso da ansiedade, a experiência de ansiedade e a ansiedade são idênticas; mas, o medo de cobras não é idêntico a cobras. É característica dos estados Intencionais, da maneira como uso esta noção, haver uma distinção entre o estado e aquilo *para* ou *sobre* ou *de que* o estado é dirigido (embora isto não exclua a possibilidade das formas auto-referenciais de Intencionalidade — como veremos nos Capítulos 2 e 3). Na minha abordagem, o «de» na expressão «a experiência de ansiedade» não pode ser o «de» da Intencionalidade porque a experiência e a ansiedade são idênticas. Terei mais a dizer acerca de formas conscientes de Intencionalidade adiante; a minha finalidade aqui é apenas tornar claro que, segundo o meu uso do termo, a classe de estados conscientes e a classe de estados mentais Intencionais justapõem-se mas não são idênticas, nem uma está incluída na outra.

Em terceiro lugar, tencionar e intenções são apenas uma forma entre outras de Intencionalidade; não têm qualquer estatuto especial. O trocadilho óbvio entre «Intencionalidade» e «intenção» sugere que, no sentido comum do termo, as intenções têm algum papel especial na teoria da Intencionalidade; mas, na minha abordagem, tencionar fazer algo é apenas uma forma de Intencionalidade, juntamente com crença, esperança, medo, desejo, e muitas outras; e não quero com isto sugerir que, por as crenças, por exemplo, serem Intencionais, contenham de alguma maneira a noção de intenção ou tencionem algo, ou que alguém que tenha uma crença deva por meio dela tencionar fazer algo acerca dela. A fim de manter esta distinção totalmente clara, usarei maiúsculas para o sentido técnico de «Intencional» e «Intencionalidade». Intencionalidade é direccionalidade; tencionar fazer algo é apenas um tipo de Intencionalidade entre outros.

Relacionadas com o trocadilho entre «intencional» e «Intencional», existem outras confusões comuns. Alguns autores descrevem crenças, medos, expectativas e desejos como «actos mentais», mas isto é, na melhor das hipóteses, falso, e, na pior, irremediavelmen-

te confuso. Beber cerveja e escrever livros podem ser descritos como actos ou acções ou até actividades, e fazer cálculos aritméticos de cabeça ou formar imagens mentais da ponte Golden Gate são actos mentais; mas acreditar, esperar, rezear e desejar não são, de modo algum, actos nem actos mentais. Actos são coisas que se *fazem*, mas não há uma resposta para a pergunta «Que está agora a fazer?», que seja, «Agora estou a acreditar que vai chover» ou «a esperar que os impostos baixem» ou «a rezear uma queda na taxa de juro» ou «a desejar ir ao cinema». Os estados e eventos Intencionais que iremos analisar são precisamente isso: estados e eventos; não são actos mentais, embora tenha algo a dizer no Capítulo 3 sobre aquilo que é apropriadamente chamado acto mental.

É igualmente confuso considerar, por exemplo, crenças e desejos como, de alguma maneira, tencionando algo. Crenças e desejos são estados Intencionais, mas não tencionam o que quer que seja. Na minha descrição, «Intencionalidade» e «Intencional» ocorrerão nestas formas de substantivo e adjectivo, e falarei de certos estados e acontecimentos mentais como tendo Intencionalidade ou sendo Intencionais. Mas não se deverá associar qualquer sentido a qualquer verbo correspondente.

Eis alguns exemplos de estados que podem ser estados Intencionais: crença, medo, esperança, desejo, amor, ódio, aversão, gostar, não gostar, duvidar, interrogar-se, alegria, exaltação, depressão, ansiedade, orgulho, remorso, tristeza, mágoa, culpa, júbilo, irritação, perplexidade, aceitação, perdão, hostilidade, afeição, expectativa, ira, admiração, desprezo, respeito, indignação, intenção, desejar, querer, imaginar, fantasia, vergonha, luxúria, repugnância, animosidade, terror, prazer, abominar, desdém, aspiração, deleite e decepção.

É característica dos elementos deste conjunto serem ou essencialmente direccionados, como no caso do amor, ódio, crença e desejo, ou, pelo menos, poderem ser direccionados, como no caso da depressão e exaltação. Este conjunto levanta um grande número de questões. Por exemplo, como podemos classificar os seus membros, e quais as relações entre eles? Mas a questão sobre a qual quero agora concentrar-me é a seguinte: qual é exactamente a rela-

ção entre, por um lado, os estados Intencionais e, por outro, os objectos e estados de coisas acerca dos quais eles são ou para os quais eles são direccionados? Que tipo de relação é designada por «Intencionalidade» e como podemos explicar a Intencionalidade sem usar metáforas como «direccionado»?

Note-se que a Intencionalidade não pode ser uma relação comum como sentar-se sobre alguma coisa ou bater nisso com o punho, uma vez que, em um grande número de estados Intencionais, posso estar no estado Intencional sem que o objecto ou estado de coisas ao qual o estado Intencional «é direccionado» exista sequer. Posso esperar que chova, mesmo que não esteja a chover, e posso acreditar que o rei de França é careca, mesmo que não haja qualquer pessoa que seja o rei de França.

II. INTENCIONALIDADE COMO REPRESENTAÇÃO: O MODELO DO ACTO DE FALA

Nesta secção quero explorar algumas das conexões entre estados Intencionais e actos de fala com a finalidade de responder à pergunta «Qual a relação entre o estado Intencional e o objecto ou estado de coisas ao qual, em certo sentido, é dirigido?». Antecipando um pouco, a resposta que vou propor é bastante simples: os estados Intencionais representam objectos e estados de coisas no mesmo sentido de «representar» em que os actos de fala representam objectos e estados de coisas (embora, como veremos no Capítulo 6, os actos de fala tenham uma forma derivada de Intencionalidade e, portanto, representem de um modo diferente dos estados Intencionais, que têm uma forma intrínseca de Intencionalidade). Temos já intuições razoavelmente claras acerca de como os enunciados representam as suas condições de verdade, as promessas representam as suas condições de cumprimento, as ordens representam as condições da sua obediência, e como na elocução [*utterance*] de uma expressão referencial o falante se refere a um objecto; de facto, até temos algo semelhante a uma teoria acerca desses vários actos de fala. E irei abordar esse conhecimento prévio para